



CRISTINA JORGE DE CARVALHO

# O ESPAÇO RECEBE ANTES DE NÓS

O que significa receber bem e como o *design* de interiores pode ser o primeiro gesto de hospitalidade. Cristina Jorge de Carvalho tem uma visão clara sobre o que separa um espaço que funciona de um que simplesmente existe. E sobre o que Portugal ainda não percebeu sobre si próprio.

ENTREVISTA PAULA SANTOS CORDEIRO

**FALSTAFF** *Quando pensa um interior, em que medida está a pensar na forma como o espaço vai receber quem entra?*

## CRISTINA JORGE DE CARVALHO

Primeiro, analiso o espaço e como poderá ser usado. Para que seja fluido, sem mobiliário a mais, confortável, fiel ao seu propósito. Para mim, é essencial que exista sempre um equilíbrio entre as peças e as formas. E este equilíbrio faz-se de desequilíbrios, com peças redondas e quadradas, por exemplo. Madeira e metal. Lã e linho, com uma paleta de cores monocromática, de forma a tornar os ambientes relaxantes. A vida lá fora já é suficientemente caótica. Quando entramos num espaço, é importante que nos receba com calma. E que perdue no tempo, para evitar a saturação ao fim de pouco tempo. O excesso perturba: peças que não falam umas com as

outras, materiais que não ligam, espaços demasiado cheios. Qualquer pessoa sente que algo não está certo, mesmo sem saber explicar o quê.

*A sala de jantar está progressivamente a desaparecer nas casas contemporâneas, substituída por conceitos de espaço aberto. Perdemos alguma coisa com isso?*

Perdemos tudo. Eu não gosto de cozinhas abertas. A cozinha é um espaço de trabalho: pode ser muito bonita, mas não deve estar aberta para a sala. A ideia das cozinhas abertas é proveniente dos Estados Unidos. Os americanos não recebem, raramente têm amigos fora do trabalho, e por isso faz sentido terem a sala de jantar dentro da cozinha. Na minha cozinha tenho quatro lugares sentados, para o pequeno-almoço. Já tive jantares com amigos em que um estava a cozinhar e os

outros a beber mas, para 10 ou 12 pessoas, não funciona da mesma forma.

*Em Portugal, receber é quase sempre sinónimo de uma refeição partilhada.*

*O que é que isso diz sobre nós e o que implica para quem está a desenhar o interior de uma casa portuguesa?*

Implica que a sala de jantar não pode ser um espaço secundário. É um espaço de intenção, onde as relações se aprofundam e o tempo se alonga. E uma mesa bem posta comunica, antes de qualquer prato, o cuidado e o carinho que temos pelas pessoas que vamos receber.

*Há um estilo português de pôr a mesa, ou é mais uma ideia de nostalgia do que da realidade?*

Está a perguntar à pessoa errada: eu não sou muito portuguesa nesse sentido. Não



O equilíbrio de cores e materiais é determinante para um espaço acolhedor.

tenho serviços da Vista Alegre nem aqueles linhos das nossas avós. Tenho um serviço verde, que era para a casa anterior, que tinha jardim e pedia um certo estilo rústico. De resto, é tudo entre o branco e o preto. Vou misturando, por exemplo, os pratos de sobremesa de um serviço com outro serviço. Acho que é uma tendência que está também presente na restauração e nos hotéis: estamos a sair daquele modelo mais tradicional, em que se punha a mesa com o serviço completo e os atalhados a coordenar.

***O que é que não pode faltar numa mesa bem posta?***

Uma toalha de linho é essencial, com os coordenados. Um bom faqueiro. Um serviço, que quiser, que pode misturar à vontade. Copos de água, copos de vinho. E flores, sempre flores. Vários arranjos. Às vezes alguns elementos decorativos: pequenas peças, animais, coisas que dão uma certa alegria. E candelabros com velas. São, para mim, os elementos essenciais.

***Se tivesse de dar dois ou três conselhos a alguém que quer receber melhor em casa, sem fazer obras, o que diria?***

Primeiro: ter uma mesa de tamanho suficiente para que as pessoas estejam

confortáveis. Segundo: um pequeno aparador para servir de bar, onde se coloquem bebidas e copos. Terceiro: lugares sentados para todas as pessoas. E, se possível, ter tudo, pratos, copos, saladeiras, num único armário, para ser mais rápido e fácil na hora de preparar.

***Já assinou vários hotéis. O que é que um hotel precisa de ter para nos fazer sentir em casa, sem que pareça a casa de alguém?***

Tem a ver com os elementos escolhidos: madeiras, pedras, mármore e o equilíbrio. Mas, também, as peças de mobiliário e a forma como dialogam entre si. Por vezes podemos misturar uma peça clássica com uma peça contemporânea e o resultado é muito bonito. As cores: não têm de ser sempre claras. Fiz uma vez um spa cuja sala de relax era toda preta, e transmitia uma paz maravilhosa. Na biblioteca de um hotel em que trabalhei, não havia nada a fazer em termos de obra: cheguei lá e pinteí tudo de ferrugem. Aquilo tornou-se um espaço muito acolhedor, com uma identidade que antes não tinha. É preciso ter uma certa intuição do que pode tornar um espaço mais apelativo. Olhar para a arquitetura e vesti-la de forma a tornar-se atrativa. Quando chego a um espaço, sinto-o imediatamente e começo a visualizar o que pode ser.

***Isso aprende-se ou nasce com as pessoas? Nasce.***

***Os hotéis portugueses estão a conseguir integrar a identidade portuguesa no design, ou estão a criar uma versão de Portugal que efetivamente não existe?***

Podemos ter muitos hotéis, mas hotéis bonitos, de referência, temos muito poucos. Muitos, quando tentam ser “portugueses”, enchem o espaço de azulejos azuis e brancos. Para introduzir a identidade de um país num espaço, não basta isso. Temos a cerâmica, a tapeçaria, os tapetes, bordados, vidro. E não é preciso usar tudo. Os azulejos têm de ser usados de uma forma muito contemporânea e subtil, de maneira que a pessoa perceba que está em Portugal sem que Portugal se torne óbvio. Ninguém precisa de fotografias das varinas da Nazaré na parede do quarto.

***Se pudesse mudar uma coisa na forma como os portugueses habitam e decoram as suas casas, o que seria?***

Que dessem menos valor aos carros. Assim já podiam gastar mais dinheiro nas casas.

<